



CINEMA FRANCÊS SOB O VIÉS DAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO E BIOPOLÍTICA: O CORPO TRANSEXUAL INFANTIL EM ENTRELUGAR

Maraisa Daiana da Silva (PIBIC/CNPq/Uem), Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso (Orientadora), e-mail: ievstasso@uem.br

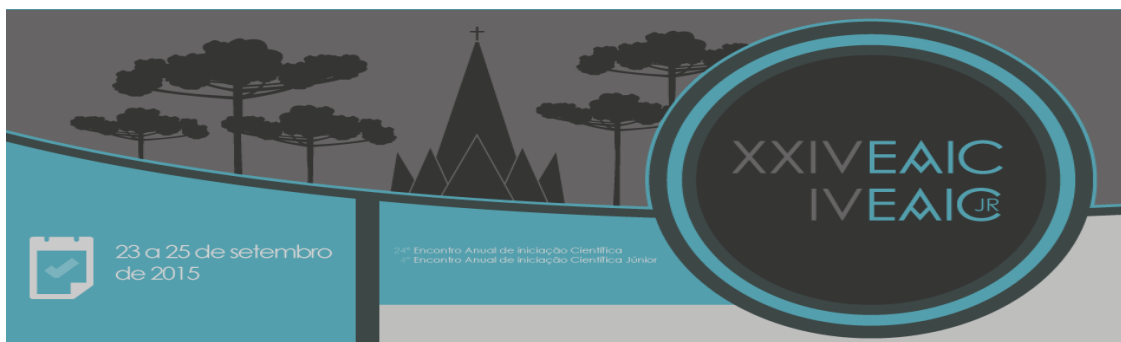
Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes /Maringá, PR.

Área: Linguagem / Subárea: Teoria e análise linguística

Palavras-chave: transexualidade infantil; corpo; biopolítica.

Resumo

O presente trabalho é resultado do Projeto de Pesquisa intitulado *O corpo transexual em entrelugar: prática discursiva do cinema francês*, vinculado ao projeto PIBIC (CNPq – UEM). Subsidiado pelo escopo teórico da Linguística e da Análise do Discurso franco-brasileira, recorre aos procedimentos teórico-metodológicos foucaultianos com ênfase nos componentes crítico e genealógico. Sob tal perspectiva, investiga como a transexualidade infantil é discursivizada no filme francês *Ma vie en rose*, dirigido por Alain Berliner (1997), dada a atualidade e a emergência que o tema impõe ao espaço educacional brasileiro e à sociedade como um todo. Por ser o cinema uma mídia de excelência para além do entretenimento, um dispositivo de congregação entre saberes “tecnocientífico” (LUZ, 2007), discursivos, político e socioculturais para o dizer da sociedade sobre o corpo e a sexualidade, adotou-se a materialidade fílmica como objeto de investigação, em razão de o dispositivo do pânico moral circunscrever-se em práticas discursivas educacionais sobre o tema. Sob tal conjuntura, o cinema é, sobretudo, um espaço visual, de expressão político-social, no qual o discurso se consolida por condições de emergência e de (co)existência, projetando o corpo como condição de possibilidade à visibilidade do espetáculo. Diante disso e da asseveração de que ocorreram mutações importantes no regime do dizer e do olhar o corpo a partir de 1968, interessa-nos, avaliar a produção cinematográfica francesa sob o status de vanguarda na abordagem do tema eleito, cuja inscrição se encontra na ordem da biopolítica.



Introdução

Munido de recursos audiovisuais, o cinema é um espaço de manifestação crítica sobre as questões de diferentes ordens, dentre as quais a transexualidade. O discurso cinematográfico, por meio do seu caráter de entretenimento e de crítica, produz experiências de vida e modos de conduta. “essas figuras que emergem não têm outra função a não ser a do serviço de administrar o campo social. O tema da transexualidade infantil demanda condutas éticas e educativas na sociedade contemporânea, especialmente, no que tange ao que se denomina transtorno de identidade de gênero na infância. Inquietação que nos mobilizou a buscar, pela cinematografia, a resposta para o seguinte questionamento: quais saberes o corpo transexual infantil pode re(criar) na sociedade brasileira, dada a discursivização desse sujeito na materialidade fílmica *Ma vie en rose* (1997).

Materiais e métodos

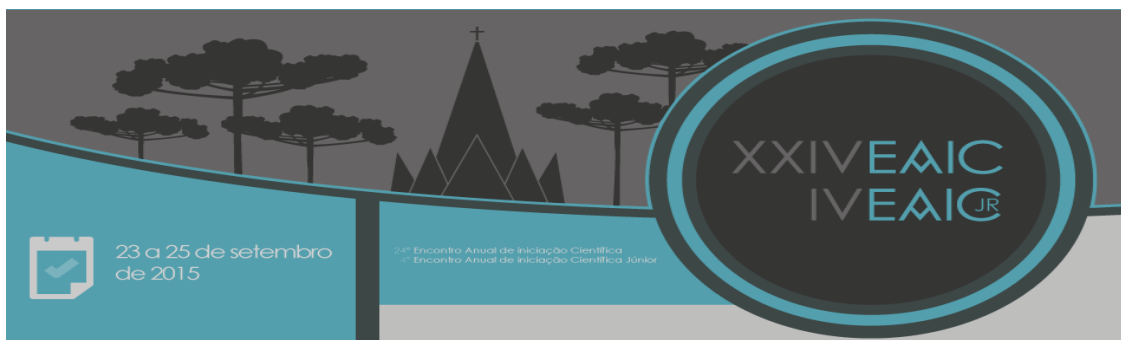
No âmbito de domínio simbólico, foram determinadas as regras que definem o aparecimento de séries enunciativas sobre a temática geral e dos subtemas, cujas condições de possibilidade estão relacionadas com as questões de produção identitária e de representação do brasileiro, executadas por meio da subjetivação e da objetivação dos sujeitos, como exercício da Governamentalidade.

Analisou-se por volta de 150 filmes com temática LGBT, dentre os quais foi notado que apenas dois deles retratavam o processo de descoberta da transexualidade infantil. E, desses dois, foi escolhido a produção francesa, em coprodução com a Bélgica e Inglaterra, intitulada *Ma vie en rose* (1997), dirigido pelo diretor Alain Berliner.

O conjunto de enunciados componentes das séries relativas ao *corpus* obedeceu ao critério de que estivessem circunscritas aos campos político, educacional, cultural e estético, assim como que suas produções compreendidas no período correspondente ao recorte. Além desses critérios, as análises desenvolvidas foram orientadas pelos procedimentos crítico e arqueogenealógico foucaultianos: inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade, regidos pela tecnologia biopolítica (FOUCAULT, 1996).

Resultados e Discussão

Em busca da resposta para o questionamento: quais saberes o corpo transexual infantil pode re(criar) na sociedade brasileira, dada a discursivização desse sujeito na materialidade fílmica *Ma vie en rose* (1997),

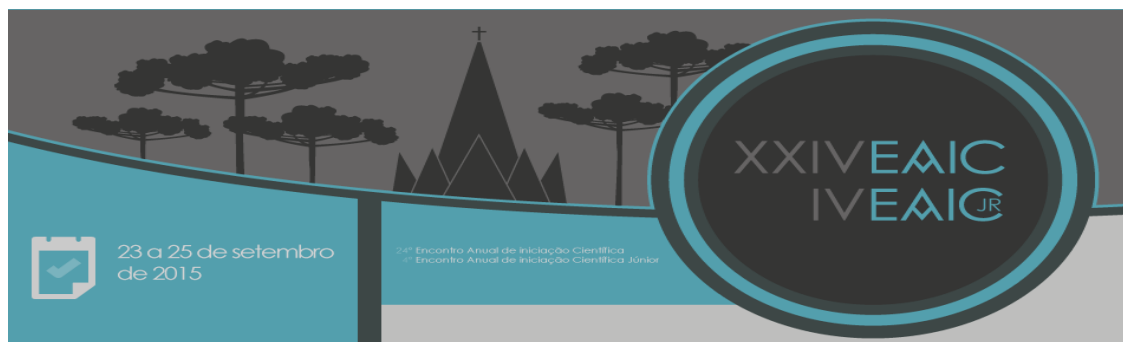


seguuiu-se a orientação proposta por Ferrari (2013), a qual prima pela necessidade de “olhar de outra maneira, desaprender o que sabemos e somos” (FERRARI, 2013 in MAIO & CORREA, 2013, p. 13), acrescenta-se a esse princípio a demanda por compreender de quais memórias e história somos constituídos. Diante disso e com base em noções teóricas erigidas por Foucault, analisamos o sujeito que está prestes a se fechar em si mesmo – o sujeito que, muitas vezes, está isolado de participação na sociedade, por conta de sua subversão de um padrão de conduta imposto. Não se trata de subjetivação, mas de resistência. Resistir ao padrão de comportamento “normal” que afeta as minorias, instituído por uma tecnologia da governamentalidade, como defende Foucault (1996).

A criança transexual ao resistir ao gênero pelo qual é reconhecido, transforma a si mesma - modifica o gênero que a identifica biologicamente e, ao rejeitá-lo, nega-se a seguir e aceitar os critérios de valores e normas de condutas inerentes a esse gênero, empreende, por um jogo de forças, a construção de si mesma e diz através do seu corpo, quem ela deseja ser. Sob tal perspectiva e fundamentos foucaultianos, cria-se a possibilidade de investigar como as relações do saber e de poder estruturam as práticas cotidianas através das instituições, gerando discursos que possibilitarão os processos de constituição do sujeito. Nessa direção, a mídia cinematográfica é tomada como um dos principais instrumentos a cumprir esse papel na atualidade, uma vez que é responsável por mostrar o mundo sob determinado regime de verdade, cujo funcionamento discursivo pode instituir condutas modelares de sujeito. Para tanto, buscou-se compreender o modo como a transexualidade infantil é discursivizada no filme francês *Ma vie en rose* (1997) e, para isso, foi preciso estabelecer uma identificação do percurso do cinema francês contemporâneo, para compreender como as noções de inclusão e de exclusão se inscrevem na materialidade fílmica.

Inicialmente, o objetivo era começar a pesquisa pela identificação e análise do cinema francês contemporâneo. No entanto, com base na necessidade de conhecimento e abordagem sobre a criança transexual, optou-se por investigar como esse tema era abordado pela mídia e pela escola.

Analisou-se as propostas contidas nos PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais - propostas de reformas curriculares para o Ensino Fundamental, que estão vinculadas a uma visão neoliberal da educação. Segundo a análise dos PCN's, foram estabelecidos critérios para definição e escolha dos Temas Transversais: urgência social; abrangência nacional; possibilidade de ensino e aprendizagem no ensino fundamental e favorecer a compreensão da realidade e a participação social. A problematização a respeito desses critérios baseou-se no seguinte questionamento: o que essa proposta de currículo busca formar, onde se encaixam as minorias oprimidas?



Conclusões

A sociedade brasileira está carente de explicações e de informações para lidar com a diversidade e tratar do tema da transexualidade infantil na escola é uma demanda sem volta. Compreender o modo como o cinema francês abordou a questão da transexualidade possibilitou estabelecer relações entre cultura e língua portuguesa e francesa. A prática analítica revelou que a sociedade francesa vivenciou (especialmente a família e a escola), aos anos 80/90 do século passado, o que ora o Brasil presencia. O filme *Ma vie en rose* pode ser considerado um excelente recurso tanto para se refletir sobre a estigmatização das crianças transexuais quanto pelo pânico moral – fonte para o recrudescimento de valores e condutas morais. Chega-se, assim, ao fim de uma etapa, mas não da pesquisa sobre como alguns dispositivos de governamentalidade organizam o modo como a temática da transexualidade infantil é exposta à sociedade, exercendo sobre ela condutas modelares de sujeito.

Agradecimentos

Ao CNPq, por ter possibilitado e financiado esta pesquisa e a minha orientadora, Prof. Dra. Ismara Tasso, pela confiança que depositou no meu trabalho e pela paciência e constante disponibilidade.

Referências

FERRARI, A. In MAIO, E. R., CORREA, C. M. A. (Org.) **Gênero, direitos e diversidade sexual: trajetórias escolares**. Maringá: Eduem, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 12.ed. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

LUZ, Rogerio. A Construção da Narrativa. In: BENTES, Ivana [org.]. **Ecos do Cinema: de Lumière ao digital**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2007. p.29-40.

Filmografia

MA VIE EN ROSE. Direção: Alain Berliner. Produção: Carole Scotta. Título em Português: Minha vida em cor de rosa. França: REUX Produção Associada, 1997. 115 min. Color., Son.